

Primeiro lugar na lista do *The New York Times*

# O ÚLTIMO SOPRO DE



# vida

PAUL KALANITHI

"Extraordinário. Emocionante. E essencialmente lindo.  
As memórias do jovem Dr. Kalanithi são a prova de que aqueles que  
estão morrendo são os que mais têm a nos ensinar sobre a vida."

- ATUL GAWANDE



SEXTANTE

*Para Cady*

# SUMÁRIO

Prefácio de Abraham Verghese	11
Prólogo	17
Parte I: Em perfeita saúde eu começo	27
Parte II: Não parar até morrer	93
Epílogo de Lucy Kalanithi	149
Agradecimentos	167

*Você que busca o que a vida é na morte  
Agora encontra o ar que já foi respiração.  
Novos nomes desconhecidos, velhos nomes se vão:  
O tempo elimina corpos, mas almas, não.  
Leitor! Faça seu tempo enquanto pode,  
Mas caminhe para sua eternidade.*

– Barão Brooke Fulke Greville, “Caelica 83”

## PREFÁCIO

Abraham Verghese

**E**nquanto escrevo estas linhas, fico pensando se o prefácio deste livro não deveria ser um posfácio. É que, quando se trata de Paul Kalanithi, a noção de tempo vira de cabeça para baixo. Para começar – ou, talvez, para terminar –, só o conheci de verdade depois de sua morte. (Tenha paciência comigo.)

Nós nos encontramos pela primeira vez numa memorável tarde em Stanford, no início de fevereiro de 2014. Ele havia acabado de publicar um artigo intitulado “How Long Have I Got Left” (Quanto tempo ainda me resta) no *New York Times*, um ensaio que provocou uma espantosa reação por parte dos leitores. Nos dias que se seguiram, essa reação se difundiu de forma exponencial. (Sou especialista em doenças infecciosas, por isso perdoe-me por não usar a palavra *viral* como metáfora.) Depois disso, Paul me procurou para conversar, obter informações sobre agentes literários, editores, o processo de publicação – ele estava querendo escrever um livro, *este* livro que você tem em mãos. Lembro-me do sol se insinuando entre as árvores perto do meu escritório, iluminando a seguinte cena: Paul sentado à minha frente, as belas mãos imóveis, a longa barba de profeta, os olhos escuros me avaliando. Na minha lembrança, a imagem tem a nitidez obscura de uma pintura de Vermeer. Lembro-me de ter pensado “Você precisa se lembrar disso”, pois o que atingia minha retina era uma preciosidade. E, além disso, porque, diante do diagnóstico de Paul, tomei consciência não só da sua mortalidade como também da minha.

Conversamos sobre muitas coisas naquela tarde. Paul era o chefe da residência em neurocirurgia. Provavelmente nossos caminhos haviam se cruzado em algum ponto, mas não me lembrava de termos tratado de um mesmo paciente. Ele me disse que tinha se formado em inglês e biologia em Stanford, depois feito um mestrado em literatura inglesa. Conversamos sobre seu amor pela escrita e pela leitura. Ele poderia ter sido professor de literatura – e, de fato, parecia ter se dedicado a isso em algum momento da vida. Mas depois, assim como seu homônimo na estrada de Damasco, Paul ouviu o chamado e acabou se tornando médico, mas continuou sonhando em voltar à literatura de alguma forma. Publicando um livro algum dia, talvez. Ele achou que teria tempo. Por que não acharia? Mas, naquela ocasião, tempo era a coisa de que ele menos dispunha.

Lembro-me de seu sorriso irônico e delicado, com uma ponta de malícia, apesar do rosto magro e fatigado. Ele tinha passado por maus bocados por causa daquele câncer, mas uma nova terapia estava produzindo uma boa resposta, permitindo-lhe olhar um pouco para a frente. Contou que durante a faculdade de medicina tinha imaginado que se tornaria psiquiatra, mas acabou se apaixonando pela neurocirurgia. Era muito mais do que uma paixão pela complexidade do cérebro, muito mais do que a satisfação de treinar suas mãos para realizar feitos incríveis – era um amor e uma empatia por aqueles que sofriam, pelo que eles enfrentavam e pelo que ele próprio poderia fazer para ajudá-los.

Acho que Paul não me falou sobre isso, mas eu soube dessa característica dele por alguns alunos meus que foram seus assistentes: a feroz convicção da dimensão moral do seu trabalho. Então falamos sobre a sua morte.

Após aquele encontro, mantivemos contato por e-mail, mas nunca mais nos vimos. Não só por eu ter desaparecido em meu próprio mundo cheio de prazos e responsabilidades como tam-

bém pela forte sensação que eu tinha de que deveria respeitar o tempo dele. Se Paul quisesse falar comigo, eu estaria disponível. Senti que a última coisa que ele precisava era da obrigação de cultivar uma nova amizade. Mas continuei pensando muito nele e em sua mulher. Queria perguntar-lhe se estava escrevendo. Será que arranjava tempo? Eu sabia por experiência própria que, sendo um médico tão ocupado, era difícil conseguir parar para escrever. Queria contar a ele o que um famoso escritor havia dito ao se queixar desse eterno problema: “Se eu fosse um neurocirurgião e precisasse deixar meus convidados na sala de estar para realizar uma craniotomia de emergência, ninguém diria uma palavra. Mas se eu dissesse que precisava deixá-los para subir ao meu escritório para *escrever...*” Fiquei imaginando se Paul acharia isso engraçado. Afinal, ele até poderia dizer que teria de fazer uma craniotomia! Seria plausível! E poderia simplesmente sair para escrever.

Enquanto escrevia seu livro, Paul publicou um notável ensaio na revista *Stanford Medicine*, numa edição dedicada ao conceito de tempo. Eu publiquei um artigo nessa mesma edição – curiosamente, o meu texto complementava o dele, embora eu só tenha ficado sabendo da sua contribuição quando a revista chegou às minhas mãos. Ao ler suas palavras, tive um segundo vislumbre, dessa vez mais profundo, de algo que já percebera no ensaio do *New York Times*: o texto de Paul era simplesmente deslumbrante. Ele poderia escrever sobre qualquer coisa com a mesma intensidade. Mas Paul não estava escrevendo sobre *qualquer coisa* – estava escrevendo sobre o tempo e o que o tempo significava para ele então, no contexto de sua doença. O que tornava tudo ainda mais pungente.

Li e reli muitas vezes o artigo de Paul, tentando entender o que ele havia produzido. Em primeiro lugar, era musical, sonoro. Apresentava ecos de Galway Kinnell, quase um poema em prosa.

Mas também tinha sabor de algo mais, de alguma coisa mais antiga. Finalmente descobri o que era alguns dias depois, ao ler seu ensaio mais uma vez: o estilo de Paul me lembrava Thomas Browne, que escreveu *Religio Medici* em 1642. Quando eu era um jovem médico, fiquei obcecado por aquele livro, dedicando-me a ele com um afincado desesperado. Era uma tarefa inútil, frustrante. Não sabia se de fato havia alguma coisa ali para mim, mas, pelo som das palavras, eu sentia que havia. Sentia que me faltava algum receptor fundamental para que as letras comunicassem seu significado. Mas elas continuavam obscuras, apesar do meu esforço.

Por quê, você pergunta? Por que perseverei? Quem liga para *Religio Medici*?

Bem, meu herói William Osler – o pai da medicina moderna – ligava. Ele adorava tanto esse livro que o mantinha na mesa de cabeceira e pediu que fosse enterrado com um exemplar. Osler morreu em 1919, e eu nunca entendi exatamente o que ele via no livro. Depois de muitas tentativas – e passadas algumas décadas –, o sentido finalmente se revelou para mim. (Uma nova edição com ortografia moderna também ajudou.) O truque, segundo descobri, era ler em voz alta, o que evidenciava a cadência do texto. Quando você estiver lendo este livro, leia-o em voz alta e vai sentir o ritmo das palavras... Como me ocorreu, Paul era mesmo o retorno de Browne. (Ou, como o tempo fluindo para a frente é uma ilusão humana, talvez Browne fosse o retorno de Kalanithi. Sim, é coisa de pirar a cabeça.)

Então Paul morreu. Fui ao seu funeral na igreja de Stanford, um lindo espaço aonde vou com frequência quando está vazio, para admirar a luz, o silêncio, e onde sempre me sinto renovado. Sentei-me e comecei a ouvir uma série de histórias comoventes de seus amigos mais íntimos, de seu pastor e de seu irmão. Sim, Paul tinha morrido, mas estranhamente eu sentia que iria conhecê-lo ali – mais do que durante a visita ao meu escritório,



mais do que pelos ensaios que havia escrito. Ele estava tomando forma nas histórias contadas naquela igreja, com o domo da catedral servindo como um local adequado para se lembrar desse homem cujo corpo jazia na terra, mas que continuava tão *vivo*. Ele tomava forma na figura de sua adorável esposa e de sua filha, ainda bebê, seus pais e irmãos chorosos, a legião de amigos, colegas e ex-pacientes que enchiam o espaço. Vi rostos tranquilos, sorrindo, como se tivessem presenciado algo lindo e profundo ali. Talvez minha expressão também estivesse assim: tínhamos encontrado sentido no ritual da missa, nas lágrimas compartilhadas. Havia um significado maior naquela recepção, onde saíamos nossa sede, alimentamos nossos corpos e conversamos com gente desconhecida a quem estávamos intimamente ligados através de Paul.

Mas só quando recebi as páginas que agora estão em suas mãos, dois meses após a morte dele, percebi que afinal o conhecia, e o conhecia melhor do que se tivesse tido o privilégio de ser seu amigo. Depois de terminar a leitura do manuscrito, confesso que me senti inadequado: havia uma sinceridade, uma verdade no texto que me tirou o fôlego.

Prepare-se. Sente-se. Ouça o som da coragem. Perceba como é difícil revelar-se dessa maneira. Mas, acima de tudo, compreenda o que é permanecer vivo e ser capaz de influenciar a vida de outros depois que você se for. Vivemos num mundo dominado pela comunicação acelerada, com os olhos fixos em pequenas telas retangulares e a atenção consumida por atividades efêmeras – mas pare um momento e vivencie este diálogo com meu jovem colega falecido, atemporal e eterno. Escute Paul. No silêncio entre suas palavras, ouça o que *você* tem a responder. É aí que reside a mensagem dele. Eu escutei. Espero que você possa fazer o mesmo. Este é um presente. Agora vou sair do caminho de vocês.

## PRÓLOGO

*Webster era obcecado com a morte,  
Via o crânio sob a pele;  
E via criaturas descarnadas sob a terra  
Recostadas com um sorriso sem lábios.*

T. S. Eliot, "Sussurros da Imortalidade"

Observando as imagens da tomografia computadorizada, o diagnóstico era óbvio: os pulmões tomados por vários tumores, a coluna deformada, um lobo do fígado destruído. Câncer, largamente disseminado. Eu era residente em neurocirurgia, entrando no meu ano final de prática. Durante os últimos seis anos eu havia estudado muitos exames daquele tipo, procurando algum procedimento que pudesse trazer benefícios ao paciente. Mas aquele exame era diferente: era meu.

Eu não estava com o avental de radiologia nem vestindo meu jaleco branco. Estava com roupão de paciente, tomando soro na veia, usando um computador que a enfermeira havia deixado comigo no quarto do hospital. Minha esposa, Lucy, que também é médica, estava ao meu lado. Repassei mais uma vez toda a sequência que aprendera: rolei a imagem de cima para baixo, depois da esquerda para a direita, em seguida da frente para trás, para ver se encontrava algo que pudesse alterar o diagnóstico.

Estávamos deitados juntos no leito hospitalar.

Em voz baixa, Lucy disse, como se estivesse lendo um roteiro:

– Você acha que existe alguma possibilidade de ser outra coisa?

– Não – respondi.

Ficamos imóveis num abraço apertado, como jovens amantes. No último ano, nós dois começamos a suspeitar, mas nos recusamos a acreditar – ou até mesmo a discutir a possibilidade – que um câncer estava crescendo dentro de mim.

Mais ou menos seis meses antes, comecei a perder peso e a sentir uma violenta dor nas costas. Cada vez que me vestia de manhã, precisava apertar mais o cinto. Um dia resolvi procurar a minha clínica geral, uma antiga colega de classe de Stanford. O irmão dela tinha morrido de repente, depois de ignorar os sinais de uma infecção viral, por isso ela havia adotado um cuidado quase maternal em relação à minha saúde. Mas, quando cheguei ao consultório dela, encontrei outra médica em seu lugar – minha colega estava de licença-maternidade.

Vestido com um fino roupão azul na mesa fria de exames, descrevi meus sintomas.

– Claro que se fosse uma questão de prova, “homem de 35 anos com inexplicável perda de peso e recente dor nas costas”, a resposta óbvia seria: (C) câncer – falei. – Mas talvez eu esteja apenas trabalhando demais. Não sei. Gostaria de fazer uma ressonância magnética para ter certeza.

– Acho que devemos primeiro fazer um raio X – disse ela. Uma ressonância magnética custava caro. Por outro lado, o raio X não costumava ser muito útil para descobrir um câncer. Mesmo assim, para muitos médicos um pedido de ressonância nesses primeiros estágios era um exagero. Ela continuou: – O exame de raio X não é muito sensível, mas faz sentido começar por aí.

– E se fizéssemos um raio X de flexo-extensão? Talvez o diagnóstico mais realista seja uma espondilolistese ístmica.

Pelo reflexo do espelho da parede, pude vê-la consultando o Google.

– É uma fratura da vértebra, que afeta cerca de 5% das pessoas e é causa frequente de dor nas costas em jovens – expliquei.

– Tudo bem, eu vou pedir esse exame, então.

– Obrigado – falei.

Como eu podia ser tão autoritário usando um jaleco de cirurgia e tão humilde numa camisola de paciente? A verdade era que eu sabia mais do que ela sobre dores nas costas: metade da minha formação em neurocirurgia envolvia disfunções na coluna. Era mais provável que se tratasse mesmo de uma espondilolistese. Essa doença afetava boa parte dos adultos jovens. A probabilidade de ter um câncer na coluna aos 30 e poucos anos era quase uma em 10 mil. Talvez eu estivesse assustado à toa.

O raio X parecia normal. Atribuímos os sintomas ao excesso de trabalho e ao envelhecimento do corpo, marcamos uma nova consulta para acompanhamento e saí para cuidar do meu último paciente. A perda de peso diminuiu, as dores nas costas ficaram mais toleráveis. Uma dose de ibuprofeno me fazia passar o dia bem, e já não havia mais tantos turnos massacrantes de catorze horas de trabalho. Minha transição de estudante de medicina para professor de neurocirurgia estava quase concluída: após dez anos incansáveis de estudos, eu estava determinado a perseverar pelos próximos quinze meses até o final da residência. Eu já havia ganhado o respeito dos meus superiores, conquistado prestigiosos prêmios e recebido ofertas de emprego em diversas universidades importantes. O meu diretor em Stanford dissera recentemente que eu seria “o candidato preferencial em qualquer emprego que pleiteasse”.

Ou seja, aos 36 anos, eu tinha chegado ao topo da montanha; podia ver a Terra Prometida, de Gileade até Jericó e ao Mar Mediterrâneo. Conseguia imaginar um belo barco naquele mar em que eu e Lucy navegaríamos nos fins de semana com nossa futura filha hipotética. Senti a tensão nas minhas costas se abran-

dar enquanto meu trabalho diminuía e a vida se tornava mais administrável. Finalmente conseguia me ver me tornando o marido que havia prometido ser.

Então, algumas semanas depois, comecei a sentir fortes dores no peito. Será que tinha batido em alguma coisa sem perceber? Teria fraturado uma costela? As vezes eu acordava durante a noite com os lençóis encharcados, pingando de suor. Comecei a perder peso de novo, dessa vez de forma mais acelerada, pulando de 85 para 70 quilos. Desenvolvi uma tosse persistente. Restavam poucas dúvidas. Um sábado à tarde, eu e Lucy estávamos tomando sol no Dolores Park, em São Francisco, quando por acaso ela viu a pesquisa que eu estava fazendo no celular: “Prevalência de câncer em pessoas entre 30 e 40 anos.”

– Não sabia que você estava realmente preocupado com isso – comentou ela.

Não respondi. Não sabia o que dizer.

– Você quer conversar a respeito? – perguntou.

Lucy estava apreensiva porque também temia aquela possibilidade. Estava apreensiva porque eu não falava sobre o assunto. Estava apreensiva porque eu tinha prometido a ela uma vida e estava oferecendo outra.

– Por que você não está confiando em mim? – perguntou.

Desliguei o celular.

– Vamos tomar um sorvete.



Havíamos programado uma viagem de férias para a semana seguinte, para visitar um velho amigo em Nova York. Talvez uma mudança de ares e alguns drinques ajudassem a nos aproximar um pouco e a aliviar a tensão que se instalara em nosso casamento.

Mas Lucy tinha outros planos.

– Eu não vou com você – anunciou ela alguns dias antes da viagem.

Ela queria um tempo para pensar sobre a nossa situação. Falou isso num tom de voz calmo, o que só aumentou a vertigem que senti.

– O quê?

– Eu te amo muito, e é por isso que tudo é tão confuso – explicou. – Parece que estamos desejando coisas diferentes da nossa relação. Sinto que não estamos totalmente conectados. Não quero saber das suas preocupações *por acaso*. Quando digo que estamos distantes, você não parece ver isso como um problema. Mas eu preciso fazer algo a respeito.

– Tudo vai melhorar – falei. – É só essa residência.

Será que as coisas estavam tão ruins assim? O curso de neurocirurgia, um dos mais rigorosos de todas as especialidades médicas, com certeza tinha causado problemas ao nosso casamento. Muitas foram as noites em que eu voltava tarde do trabalho, quando Lucy já estava na cama, e desmaiava no chão da sala, e tantas as manhãs em que eu saía para trabalhar antes de ela acordar. Mas nossas carreiras agora estavam no auge – a maioria das universidades desejava a ambos: eu na neurocirurgia, Lucy em medicina interna. Tínhamos sobrevivido à parte mais difícil da nossa jornada. Já não havíamos discutido isso dezenas de vezes? Será que ela não percebia que aquele era o pior momento possível para jogar tudo para o alto? Não via que só faltava um ano de residência, que eu a amava, que estávamos tão perto da vida que sempre desejamos ter juntos?

– Se fosse só a residência, eu aguentaria – explicou ela. – Nós já chegamos até aqui. Mas o problema é: e se não for só a residência? Você acha mesmo que as coisas vão melhorar quando você for neurocirurgião e professor?

Sugeri cancelar a viagem, ser mais aberto, consultar o terapeuta

de casais que Lucy sugerira alguns meses antes, mas ela insistiu que precisava de um tempo – sozinha. Àquela altura, a névoa da confusão se dissipara. Muito bem, então. Se ela tinha resolvido dar um tempo, eu assumiria que a relação tinha terminado. Se eu estivesse com câncer, afinal, não diria a ela – iria deixá-la livre para viver a vida que escolhesse.

Antes de partir para Nova York, marquei algumas consultas para eliminar a suspeita de alguns tipos de câncer comuns na juventude. (Testículos? Não. Melanoma? Não. Leucemia? Não.) O trabalho na neurocirurgia estava pesado, como sempre. A noite de quinta-feira estendeu-se até a manhã de sexta, com 36 horas seguidas na sala de cirurgia numa série de casos difíceis e complicados: aneurismas gigantes, pontes arteriais intracerebrais, más-formações arteriovenosas. Eu agradecia aliviado quando o médico assistente entrava, permitindo que eu recostasse a coluna na parede por alguns minutos. Só consegui tirar uma radiografia do tórax quando estava saindo do hospital, a caminho de casa, antes de ir para o aeroporto. Pensei que, se eu tivesse câncer, aquela poderia ser a última oportunidade de ver meus amigos; se não tivesse, não haveria razão para cancelar a viagem.

Fui correndo pegar minhas malas. Lucy me levou de carro até o aeroporto e disse que tinha marcado um horário para nós com um terapeuta de casais.

No portão de embarque, mandei para ela uma mensagem de texto: “Gostaria que você estivesse comigo.”

Poucos minutos depois recebi a resposta: “Te amo. Estarei aqui quando você voltar.”

Minhas costas ficaram completamente rígidas durante o voo, e eu sentia terríveis ondas de dor quando cheguei à Grand Station para tomar o trem para a casa do meu amigo no norte do estado. Ao longo dos últimos meses, eu vinha sentindo espasmos nas costas de intensidades variáveis, de pontadas leves e suportá-

veis até dores que me faziam parar de falar para cerrar os dentes ou me encolher no chão. A que eu sentia naquele momento estava na extremidade mais grave do espectro. Deitei num banco duro na área de espera do trem, sentindo os músculos das costas se contorcerem, respirando fundo para tentar controlar a dor – o ibuprofeno não estava dando conta – e nomeando cada músculo para tentar não chorar: paraespinhal, romboide, grande dorsal, piriforme...

Um segurança se aproximou.

– O senhor não pode deitar aqui.

– Desculpe – respondi, as palavras embargadas. – Muita... dor... nas costas...

– Mesmo assim o senhor não pode deitar aqui.

*Desculpe, mas estou morrendo de câncer.*

As palavras pairaram na minha língua... mas e se eu não estivesse? Talvez fosse assim que as pessoas que sentiam dores nas costas viviam. Eu entendia bastante de dor nas costas – a anatomia, a fisiologia, as diferentes palavras usadas pelos pacientes para descrever os diferentes tipos de dor –, mas não sabia o que eles *sentiam*. Podia ser só isso. Talvez fosse apenas dor nas costas. Ou talvez eu simplesmente não quisesse dizer a palavra *câncer* em voz alta.

Consegui me levantar e me arrastar até a plataforma.

Já era tarde da noite quando cheguei à casa do meu amigo em Cold Spring, 80 quilômetros ao norte de Manhattan, onde fui recebido por alguns dos meus melhores amigos do passado. As saudações e as palavras de boas-vindas se misturavam numa cacofonia típica de crianças felizes. Seguiram-se os abraços, e senti que minhas mãos estavam geladas.

– Lucy não veio?

– Problemas no trabalho – falei. – De última hora.

– Ah, que pena!



– Vocês se importam se eu guardar minhas malas e descansar um pouco?

Eu tinha a esperança de que alguns dias longe da sala de cirurgia, dormindo direito, descansando e relaxando – em resumo, uma vida normal –, remeteriam meus sintomas de volta ao quadro básico de cansaço e dor nas costas. Mas depois de um ou dois dias ficou claro que não haveria retrocesso.

Acordei depois que todos já tinham tomado o café da manhã. Na hora do almoço, vi as grandes travessas de *cassoulet* e patas de caranguejo e não consegui comer. Na hora do jantar eu já estava exausto, pronto para ir para a cama de novo. Às vezes eu lia para as crianças, mas na maior parte do tempo elas ficavam brincando ao meu redor, pulando e gritando. (Crianças, acho que tio Paul precisa descansar. Por que vocês não vão brincar lá fora?) Lembrei de um dia, quinze anos antes, num acampamento de férias onde trabalhei como supervisor. Eu estava sentado às margens de um lago com um bando de crianças animadas me usando como obstáculo num jogo de capturar a bandeira, enquanto lia um livro chamado *Morte e filosofia*. Era engraçada a incongruência daquele momento: um rapaz de 20 anos em meio ao esplendor de árvores, lagos, montanhas, o canto dos pássaros e os gritos alegres de crianças de 4 anos, com o nariz enterrado num livrinho preto sobre a morte. Só que, agora, o paralelismo da cena era cruel: no lugar do lago Tahoe, era o rio Hudson; as crianças não eram estranhas, mas filhos de amigos meus; no lugar de um livro sobre a morte me separando da vida ao redor, era meu próprio corpo que estava morrendo.

No terceiro dia fui falar com Mike, meu anfitrião, para dizer que iria encurtar a estadia e voltar para casa.

– Você não está com a aparência muito boa – observou ele. – Está tudo bem?

– Por que não pegamos um uísque e nos sentamos um pouco?  
– sugeri.

Quando estávamos em frente à lareira, eu disse:

– Mike, acho que estou com câncer. E não é do tipo benigno.

Foi a primeira vez que falei aquilo em voz alta.

– Ok – replicou ele. – Isso não é nenhuma piada de mau gosto, é?

– Não.

Ele fez uma pausa.

– Não sei o que perguntar.

– Bem, em primeiro lugar, acho que eu devo acrescentar que não tenho *certeza* de que estou com câncer. Só estou mais ou menos certo... tem um monte de sintomas apontando nessa direção. Quero voltar para casa amanhã para esclarecer tudo isso. Espero estar enganado.

Mike se ofereceu para ficar com minhas malas e enviá-las depois, para que eu não precisasse carregá-las. Ele me levou até o aeroporto no dia seguinte e seis horas depois eu estava aterrissando em São Francisco. Meu telefone tocou assim que desci do avião. Era minha médica ligando para me passar o resultado da radiografia do tórax: meus pulmões pareciam borrados, como se o diafragma da câmara tivesse ficado aberto tempo demais. Ela disse que não sabia ao certo o que aquilo significava.

Era muito provável que ela soubesse.

Eu sabia.

Lucy foi me buscar no aeroporto, mas esperei até chegarmos em casa para contar a ela. Sentamos no sofá e, quando falei, ela já imaginava. Encostou a cabeça no meu ombro e a distância entre nós desapareceu.

– Eu preciso de você – murmurei.

– Eu nunca vou te deixar – respondeu ela.

Ligamos para um amigo próximo, um dos neurocirurgiões do hospital, e pedimos que providenciasse minha internação.

Recebi a pulseira de plástico que todos os pacientes usam, vesti a familiar camisolinha azul-clara, passei pelas enfermeiras,

que conhecia pelo nome, e fui encaminhado para um quarto – o mesmo onde tinha examinado centenas de pessoas ao longo dos anos. O mesmo em que tinha conversado com tantos pacientes para explicar diagnósticos terminais e cirurgias complexas; o mesmo quarto em que havia congratulado seres humanos pela cura de alguma doença e testemunhado sua felicidade por poder voltar à vida; o mesmo quarto em que eu tinha assinado atestados de óbito. Tinha sentado naquelas cadeiras, lavado as mãos na pia, rabiscado instruções nos prontuários, virado a folha do calendário. Em momentos de grande cansaço, tinha até desejado me deitar naquela cama e dormir. Agora eu estava lá deitado, totalmente acordado.

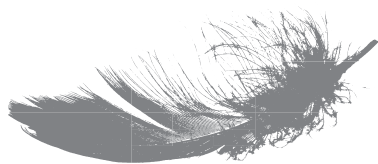
Uma jovem enfermeira, que eu ainda não conhecia, enfiou a cabeça pela porta.

– O médico vai chegar daqui a pouco.

E, com isso, o futuro que eu havia imaginado, que estava prestes a se realizar, o ápice de décadas de luta, evaporou.

PARTE I

# Em perfeita saúde eu começo





*A mão do Senhor estava sobre mim, e por seu Espírito ele me levou a um vale cheio de ossos. Ele me levou de um lado para outro, e pude ver que era enorme o número de ossos no vale e que os ossos estavam muito secos. Ele me perguntou: “Filho do homem, estes ossos poderão tornar a viver?”*

– Ezequiel 37:1-3

**E**u tinha certeza de que nunca seria médico. Estava estirado ao sol, relaxando numa pequena colina próxima da nossa casa, quando meu tio – um médico como tantos parentes meus – me perguntou que carreira eu planejava seguir. Eu mal registrei a pergunta. Se alguém me obrigasse a responder, acho que teria dito que queria ser escritor, mas, francamente, aquele tipo de decisão ainda nem me passava pela cabeça. Eu ia sair daquela cidadezinha no Arizona em algumas semanas e não me sentia preparado para escolher o que faria pelo resto da vida – eu me sentia mais como um elétron pronto para alcançar velocidade máxima, lançado em um universo estranho e faiscante.

Fiquei lá, deitado no chão de terra, imerso na luz do sol e na memória, sentindo o tamanho cada vez menor dessa cidade de 15 mil habitantes, a 900 quilômetros do meu novo alojamento em Stanford e tudo o que aquilo prometia.

Tudo o que eu sabia sobre medicina se relacionava à ausência – especificamente, à ausência do meu pai durante minha criação. Ele saía para trabalhar antes de amanhecer e voltava para jantar um prato de comida requentada depois de já ter escurecido. Quando eu tinha 10 anos, toda a família (meus pais, eu e meus dois irmãos de 14 e 8 anos) se mudou de Bronxville, Nova York, um subúrbio afluyente e compacto ao norte de Manhattan, para Kingman, Arizona, um vale deserto cercado por duas cadeias de montanhas, conhecido pelo mundo exterior como um local para encher o tanque de gasolina quando se está a caminho de outro lugar. Meu pai se sentiu atraído pelo sol, pelo baixo custo de vida – de que outra forma poderia pagar a faculdade que desejava que os filhos cursassem? – e pela oportunidade de abrir o próprio consultório de cardiologia no local. Sua inflexível dedicação aos pacientes logo o tornou um respeitável membro da comunidade. Quando o encontrávamos, tarde da noite ou nos finais de semana, ele era um amálgama de afeição e austeridade, uma mistura de abraços e beijos com pronunciamentos implacáveis: “É muito fácil estar em primeiro lugar: encontre o sujeito que está em primeiro e faça um ponto a mais do que ele.” De alguma forma, ele havia chegado à conclusão de que paternidade podia ser administrada em pequenas doses de altas concentrações. Eu só pensava que, se aquele fosse o preço da medicina, era simplesmente alto demais.

Ali da colina era possível ver a nossa casa, um pouco além dos limites da cidade, na base das Cerbat Mountains, no meio de um deserto vermelho e rochoso salpicado de arbustos secos. Redemoinhos de poeira surgiam do nada, turvando a visão, e depois desapareciam sozinhos. A paisagem se estendia até sumir no horizonte. Nossos dois cachorros, Max e Nip, nunca se cansavam daquela liberdade. Todos os dias os dois se aventuravam, trazendo para casa algum novo tesouro do deserto: a perna de um veado,

pedaços de coelho para serem comidos mais tarde, o crânio ressequido de um cavalo, a mandíbula de um coiote.

Eu e meus amigos também adorávamos passar as tardes explorando, caminhando e coletando ossos nos raros riachos do deserto. Tendo passado meus primeiros anos de vida em um subúrbio arborizado no Nordeste, com uma rua principal ladeada de árvores e uma loja de doces, eu considerava o deserto algo selvagem, estranho e fascinante. Em minha primeira caminhada sozinho, aos 10 anos, descobri uma velha grelha de irrigação. Levantei a tampa com as mãos e vi, a poucos centímetros do meu rosto, três teias brancas e sedosas. Em cada uma delas, caminhando com suas longas pernas, estava uma figura negra, brilhante, com a temível ampulheta vermelho-sangue tatuada no abdômen bulboso. Ao lado de cada aranha, um saco claro pulsava com o iminente nascimento de incontáveis viúvas-negras. O horror me fez deixar a grade cair. Cambaleei para trás. *Não existe nada mais mortal que a picada de uma aranha viúva-negra*, eu ouvira. Tive pesadelos durante anos.

O deserto oferecia um panteão de horrores: tarântulas, aranhas-armadeiras, aranhas-marrons, escorpiões de todos os tipos, centopeias, cobras das mais variadas. Com o tempo fomos nos familiarizando – até nos sentindo confortáveis – com tais criaturas. Por diversão, quando eu e meus amigos encontrávamos o ninho de uma armadeira, jogávamos uma formiga na teia e ficávamos observando enquanto ela tentava escapar, enviando vibrações pelos fios prateados, antecipando o momento fatal em que a aranha sairia da toca para abocanhar a infeliz criatura. Nessa época inventei o termo “fatos do campo”, que se tornou meu equivalente rural para as lendas urbanas. Quando passei a conhecer melhor a vida ali, os fatos do campo deram um ar quase mágico às criaturas do deserto, tornando, digamos, o monstro-de-gila um ser não menos extraordinário que a mítica Górgona. Só depois de vivermos

no deserto percebemos que algumas histórias, como a existência do folclórico lebrílope, haviam sido criadas deliberadamente para confundir o pessoal da cidade e divertir os habitantes locais.

Uma vez passei uma hora convencendo um grupo de estudantes alemães de que, sim, existia uma espécie de coiote que vivia dentro do cacto e que podia saltar dez metros para atacar sua presa. Ninguém sabia ao certo onde residia a verdade naquelas areias rodopiantes; para cada fato do campo que parecia ridículo havia outro totalmente real. *Sempre verifique se não há escorpiões nos sapatos*, por exemplo, era uma simples questão de bom senso.

Quando tinha 16 anos, era eu quem levava meu irmão mais novo, Jeevan, de carro para a escola. Uma manhã, eu estava atrasado – como sempre – e Jeevan me esperava impaciente no vestíbulo, dizendo que não queria ficar de castigo mais uma vez por causa do meu atraso. Desci correndo a escada, abri a porta da frente e... quase pisei numa cascavel de dois metros adormecida. Um fato do campo dizia que, se você matasse uma cascavel na porta de casa, mais tarde sua parceira e seus descendentes fariam ali um ninho permanente, como a mãe de Grendel em busca de vingança. Então eu e Jeevan trabalhamos juntos: com uma pá, um par de luvas grossas e uma fronha, protagonizamos uma dança tragicômica. Conseguimos enfiar a serpente dentro da fronha e, como lançadores de martelo prontos para as Olimpíadas, arremessamos a trouxa no deserto, fazendo planos de recolher a fronha de volta naquela mesma tarde para não termos problemas com nossa mãe.



De todos os muitos mistérios da minha infância, o maior deles não era por que meu pai tinha resolvido trazer a família para o deserto do Arizona, mas como ele tinha conseguido convencer



minha mãe. Eles haviam fugido juntos, viajando do sul da Índia a Nova York (ele, cristão e ela, hindu, o casamento foi desaprovado pelas famílias dos dois. Minha avó materna nunca aceitou meu nome, Paul, sempre me chamando pelo nome do meio, Sudhir) e depois para o Arizona, onde minha mãe foi obrigada a confrontar seu medo mortal de cobras. Mesmo as menores e mais inofensivas faziam com que ela saísse gritando pela casa, trancando as portas e se equipando com o maior e mais afiado utensílio que estivesse mais perto – um ancinho, um cutelo, um machado.

As cobras eram uma constante fonte de ansiedade, mas era com o futuro dos filhos que minha mãe mais se preocupava. Antes de nos mudarmos, meu irmão mais velho, Suman, estava quase se formando no ensino médio, com a expectativa de ir para uma faculdade de elite. Ele foi aceito em Stanford pouco depois de ter chegado a Kingman e logo saiu de casa. Quando minha mãe começou a pesquisar as escolas do condado, ficou alarmada. O censo havia identificado Kingman como o distrito com o pior nível de educação nos Estados Unidos. A taxa de evasão escolar no ensino médio era de mais de 30%. Poucos estudantes chegavam à faculdade e com certeza nenhum ingressava em Harvard, o padrão de excelência do meu pai. Em busca de conselhos, minha mãe ligou para amigos e parentes dos prósperos subúrbios da Costa Leste e descobriu que alguns se mostraram solidários, enquanto outros ficaram radiantes com o fato de os próprios filhos não precisarem competir com os Kalanithi, tão ávidos por estudar.

À noite ela costumava cair em prantos, chorando sozinha na cama. Com medo de que o precário sistema de ensino prejudicasse os filhos, minha mãe conseguiu em algum lugar uma “lista de leitura preparatória para a faculdade”. Formada em fisiologia na Índia, casada aos 23 anos e preocupada com a criação de três filhos num país estranho, ela própria não havia lido muitos livros daquela lista – mas faria questão de que seus filhos não fossem

privados deles. Assim, ela me fez ler *1984* aos 10 anos; fiquei escandalizado com a parte sexual, mas o livro me infundiu profundo amor e atenção pela linguagem.

Seguiram-se intermináveis obras e autores enquanto percorríamos a lista metodicamente: *O conde de Monte Cristo*, Edgar Allan Poe, *Robinson Crusoe*, *Ivanhoé*, Gogol, *O último dos moicanos*, Dickens, Twain, Austen, *Billy Budd*... Quando fiz 12 anos, eu mesmo passei a fazer as escolhas, e meu irmão Suman me mandava os livros que lia na faculdade: *O príncipe*, *Dom Quixote*, *Cândido*, *Le Morte D'Arthur*, *Beowulf*, Thoreau, Sartre, Camus. Alguns me marcaram mais do que outros. *Admirável mundo novo* fundou minha filosofia moral e se tornou tema do meu artigo de admissão à faculdade, em que argumentei que a felicidade não era o objetivo da vida. *Hamlet* me inspirou milhares de vezes durante as crises típicas da adolescência. “To His Coy Mistress” e outros poemas românticos conduziram a mim e meus amigos em desventuras divertidas ao longo do ensino médio – muitas vezes nos esgueirando à noite, por exemplo, para fazer serenatas embaixo da janela da capitã da equipe de animadoras de torcida. (O pai dela era o pastor local, por isso deduzimos que ele não atiraria em nós.) Quando fui flagrado voltando de uma dessas escapadas noturnas, minha mãe me submeteu a um minucioso interrogatório sobre todas as drogas ingeridas pelos adolescentes, sem suspeitar de que a coisa mais inebriante que eu tinha experimentado era a coletânea de poesia romântica que ela havia me dado na semana anterior. Os livros se tornaram meus confidentes, com suas lentes me propiciando novas visões de mundo.

Em sua luta para que adquiríssemos cultura, minha mãe nos levou até Las Vegas – a cidade grande mais próxima, a quase 150 quilômetros – para fazermos diversos testes vocacionais. Entrou para a associação da escola, mobilizou os professores e exigiu que a orientação vocacional fosse acrescentada à grade escolar.

Minha mãe era um fenômeno: chamou para si a missão de transformar o sistema educacional de Kingman, e conseguiu. De repente nossa escola começou a ver que o que definia o horizonte não eram mais as duas cadeias de montanhas que limitavam a cidade, mas sim o que havia atrás delas.

No último ano, meu amigo Leo, que era muito pobre, ouviu do conselheiro vocacional do colégio: “Você é inteligente. Devia entrar para o Exército.”

– De jeito nenhum – ele me falou. – Se você vai pra Harvard, Yale ou Stanford, eu também vou.

Não sei se fiquei mais feliz quando entrei em Stanford ou quando Leo entrou em Yale.

O verão acabou e, como as aulas em Stanford começavam um mês depois das outras faculdades, meus amigos se foram e eu fiquei para trás. Na maioria das tardes eu saía andando sozinho pelo deserto, ficava pensando ou cochilando até Abigail, minha namorada, sair do trabalho, na única cafeteria de Kingman. Ela tinha pouco mais de 20 anos, estudava na Scripps College e estava juntando dinheiro para pagar as mensalidades. Fui envolvido por sua experiência mundana, pela sensação de que ela sabia coisas que só se aprendiam na faculdade – ela estudava psicologia! –, e geralmente nos encontrávamos ao final de seu expediente. Ela era um arauto dos segredos do novo mundo que me esperava em algumas semanas. Uma tarde, quando acordei de um cochilo, olhei para cima e vi abutres voando em círculos, confundindo-me com carniça. Olhei para o relógio; eram quase três horas. Eu estava atrasado. Tirei o pé da calça jeans e corri o resto do caminho pelo deserto, até a areia dar lugar ao calçamento e aparecerem os primeiros prédios. Virei a esquina e encontrei Abigail varrendo a calçada da cafeteria.

– Eu já lavei a máquina de expresso – disse ela –, então hoje não tem *latte* gelado pra você.

Quando ela acabou de varrer o chão, nós entramos. Abigail foi até a caixa registradora e pegou um livro que tinha guardado lá.

– Tome – falou, me entregando o livro. – Você devia ler isso. Você está sempre lendo essas porcarias de intelectuais... por que não tenta algo mais prosaico pra variar?

Era um romance de quatrocentas páginas chamado *Satan: His Psychotherapy and Cure by the Unfortunate Dr. Kassler, J.S.P.S.* (Satã: sua psicoterapia e cura pelo infeliz Dr. Kassler, J.S.P.S), de Jeremy Leven. Levei o livro para casa e o li em um dia. Realmente não era alta cultura. Devia ser engraçado, mas não era. No entanto, afirmava de maneira contundente que a mente era uma mera operação do cérebro, uma ideia que me atingiu com força, assustou minha visão ingênua do mundo. Claro, devia ser verdade – se não, o que o nosso cérebro fazia? Apesar de termos livre-arbítrio, também éramos organismos biológicos: o cérebro era um órgão, estava sujeito às leis da física. A literatura propiciava um rico relato do significado humano, e o cérebro era o maquinário que de alguma forma possibilitava isso. Parecia mágica. Naquela noite, no meu quarto, abri o catálogo de cursos de Stanford (que já tinha lido dezenas de vezes) e peguei um marca-texto. Além de todos os cursos de literatura que já tinha assinalado, comecei a examinar também cursos de biologia e neurociência.



Algum tempo depois, eu ainda não tinha pensado muito em termos de carreira, mas já estava quase me formando em literatura inglesa e biologia humana. Minha intenção não era exatamente realizar alguma coisa, mas tentar entender o que dá sentido à vida. Eu continuava achando que a literatura propiciava a melhor representação da existência, enquanto a neurociência expunha o

## INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA SEXTANTE,  
visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)



[facebook.com/esextante](https://facebook.com/esextante)



[twitter.com/sextante](https://twitter.com/sextante)



[instagram.com/editorasextante](https://instagram.com/editorasextante)



[skoob.com.br/sextante](https://skoob.com.br/sextante)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)

Editora Sextante  
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil  
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)